

Dizer a alcunha, é evocar uma particularidade física ou moral. O “Mata-sete” indicará um desordeiro, senão um pirata ou um bandido. “Meia-leca” um homem pequeno. A “Égua” uma mulher grande e vulgar e de costumes fáceis, etc. Pela alcunha a personagem entra facilmente no estereótipo.

## 2) O domicílio

“Diz-me com quem andas, e dir-te-ei quem és”, diz o provérbio. A consciência comum julga o indivíduo pelo seu domicílio. O Henrique que reside no Estoril não é o Henrique que habita em Alfama. O primeiro facilmente será uma figura *snob*, de rico ou aristocrata. O segundo será logo entendido como um filho do povo, um rapaz da rua, ou mesmo um vadio.

Este procedimento é constante nos contos de fadas. A criança pobre, filha de camponeses ou de lenhadores só pode habitar numa cabana miserável na floresta. O rei só pode habitar num palácio e o bandido numa caverna.

## 3) A entrada em cena

Esta característica, descurada com frequência pelos autores principiantes, é tão importante como as outras para caracterizar rapidamente uma personagem. Nunca se conseguirá descrever suficientemente a importância da primeira vez, tanto na vida como nos romances! Um indivíduo que aparece de dia é mais tranquilizante do que se for encontrado à noite. Uma personagem que conhecemos num salão do Faubourg Saint-Germain inspirar-nos-á mais confiança do que se a tivermos encontrado num bar de Pigalle. Um comerciante que nos recebe durante o dia na sua loja será certamente mais “honesto” do que se se tratasse de um vendedor ambulante encontrado por acaso numa encruzilhada e de quem só saberemos o que ele quiser contar-nos...

Como exemplo, vejamos o caso de Charles Bovary. Como é que Flaubert no-lo apresenta pela primeira vez? Como “atrasado”. A aula já começou e entra o director, apresentando ao professor um novo aluno com o ar um tanto desajeitado e bastante rústico. Charles, logo desde o início, é vivamente caracterizado como um rapaz pouco brilhante. E a continuação da história não fará senão confirmá-lo.

## CARACTERIZAR AS PERSONAGENS EM 3 DIMENSÕES

Imaginemos uma viagem de comboio. Você entra no compartimento e vê uma pessoa pela primeira vez. Como é que a analisa? Primeiro pelo

seu aspecto exterior. O físico diz-nos o sexo e dá-nos uma indicação sobre a idade. A sua figura, a postura e o vestuário completam esta primeira aproximação. Suponhamos agora que você vai falando para passar o tempo. O que vai descobrir? Provavelmente a dimensão social do seu interlocutor. Por exemplo, vai saber que é um caixeiro-viajante de uma chapelaria que vai a uma cidade próxima visitar uma série de clientes (ou que é um estudante, etc.). Suponha agora que a conversa se prolonga. Então irá saber mas um pouco sobre uma 3ª dimensão do indivíduo: a sua psicologia. Por exemplo, que neste momento os negócios vão mal, os clientes são raros e as vendas difíceis. Sente-o melancólico, desencorajado, inquieto com o futuro! Aliás, você compreende nas entrelinhas que ele anda bastante cansado desta profissão que o retém demasiado tempo fora de casa. Que se queria ocupar mais da mulher e do filho, que é adolescente. Que ele tem problemas de estômago e que preferia uma cozinha familiar mais saudável que a dos restaurantes, etc. Pouco a pouco, vai compreendendo melhor o que o impressionou primeiro no seu aspecto: esse olhar um tanto triste, um tanto cansado, essa maneira de certo modo desajeitada de habitar o corpo como se ele se refugiasse lá dentro.

Pode generalizar esta experiência. Na vida, para se compreender uma pessoa, é necessário conhecer as suas três dimensões: física, social e psicológica. E na maior parte dos casos é por esta ordem que se progride no conhecimento. Estas três dimensões, bem entendido, não são independentes mas sim solidárias. É a relação entre elas que esclarece e explica o porquê da personagem. Assim, proponho que se faça uma ficha para cada uma das personagens principais, com estas três grandes séries de factores. Para cada uma delas, distinguimos sempre 10 parâmetros. O que fará um total de 30 características distintivas para as nossas personagens. Na minha opinião, é necessário fazer avançar a análise até esse ponto para o herói e o seu adversário. Para as outras personagens, talvez não valha a pena esmiuçar tanto. Contudo, deve-se reter o princípio de que o 3º factor, a psicologia, é o resultado dos dois primeiros, o físico e o social. Por isso, para que a personagem tenha uma psicologia credível é necessário fazê-la assentar ao mesmo tempo na natureza (o físico) e na cultura (o social). Deve-se justificar deste modo os adjectivos com os quais se irá qualificar sumariamente a personagem. Dissemos “tímido”? Temos de encontrar para este adjectivo uma causa física e social. Por exemplo: a personagem é de estatura pequena, provém de um meio modesto, o pai é muito receoso e apagado e pela sua educação transmitiu-lhe esta característica.

---

## FICHA PERSONAGEM

Apelido/ Nome/ Alcunha

### 1. Dimensão física e psicológica

- 1.1. Sexo:
- 1.2. Idade:
- 1.3. Tamanho e peso:
- 1.4. Figura (cor dos cabelos, olhos, pele, nariz...):
- 1.5. Postura:
- 1.6. Aspecto (bem cuidado / sujo, bonito / feio):
- 1.7. Eventuais defeitos (cicatrizes, anomalias...):
- 1.8. Hereditariedade (doenças):
- 1.9. Vestuário habitual:
- 1.10. Acessórios habituais (cachimbo, jóias, óculos...):

### 2. Dimensão social e familiar

- 2.1. Classe social (modesta, média, alta):
- 2.2. Profissão/função (trabalho, horário, salário):
- 2.3. Educação (duração, escolas, disciplinas favoritas ou não, cultura...):
- 2.4. Vida familiar (pais vivos? separados? divorciados? orfão? mentalidade, maneira de viver, hábitos / vícios / virtudes):
- 2.5. Religião, espiritualidade:
- 2.6. Estado civil (solteiro, casado...):
- 2.7. Nacionalidade, etnia:
- 2.8. Lugar social: apagado ou forte (clubes, associações...):
- 2.9. Opção ou filiações políticas / sindicais:
- 2.10. Actividades de tempos livres: leitura, jornais, desportos, *bricolage*...:

### 3. Dimensão psicológica

- 3.1. Experiência e vida sexual:
- 3.2. Crenças mais importantes e ambições:
- 3.3. Maiores frustrações:
- 3.4. Temperamento/carácter (nervoso, sanguíneo, sentimental, sonhador, colérico...):
- 3.5. Atitude face à vida (activo, militante, indiferente, resignado, desiludido...):
- 3.6. Complexos pessoais (fobia, inibições, superstições, obsessões):
- 3.7. Nível de inteligência:
- 3.8. Capacidades particulares (matemática, literatura...):

3.9. Relações com os outros (extrovertido, introvertido...):

3.10. Qualidades (imaginação, lógica, intuição...):

### 4. Síntese: relações entre estes factores

.....

---

**Exercício:** Para se treinar a preencher estas fichas sugiro-lhe que o faça com base num romance de que goste muito. Por exemplo: preencha a ficha de Madame de Bovary ou de Long John Silver de *A Ilha do Tesouro*.

## PARA DAR DENSIDADE À PERSONAGEM

Evitar os dois extremos: quer copiar pessoas reais, quer utilizar estereótipos (o detective de impermeável e chapéu mole, a prostituta de bom coração, o mau e ambicioso homem de negócios...) Pelo contrário, deve-se tentar sempre que possível criar personagens originais partindo da trama. Será a intriga a fornecer o seu papel e a sua silhueta. Pode-se garantir este esqueleto com a carne das observações pessoais, extraíndo características de várias pessoas reais.

Stevenson recomenda o método inverso, ou seja, substractivo. Pega-se numa pessoa real, conserva-se os seus defeitos e o carácter, mas tira-se-lhe as qualidades morais. Cria-se assim a personagem do adversário (no caso em questão Long John Silver, o pirata de *A Ilha do Tesouro*). Pode fazer-se o mesmo para o herói, extraíndo qualidades de uma ou várias pessoas reais e subtraíndo os seus defeitos.

Este método está de acordo com a filosofia moral de Aristóteles expressa na sua *Ética*. Uma qualidade não está oposta a um defeito, mas é um meio termo entre dois defeitos contrários. Por exemplo, o sentido justo da economia está no meio caminho entre a avareza e a prodigalidade imoderada. Suprima-se um dos dois pólos, e o sistema desequilibra-se a favor do outro. Obtém-se o Harpagão de Molière que, em nome da economia, se prepara para fazer a infelicidade da família.

Mais especificamente, a passagem ao franco desequilíbrio virá no decorrer do romance e explicará a conduta da personagem. Assim o nota Simenon no decorrer de uma entrevista à Rádio Televisão Francesa: "Só existe um equilíbrio mais ou menos estável. Em certos momentos estamos num equilíbrio estável; noutros não estamos". Basta um acontecimento fortuito ou um pequeno empurrão para que tudo balance. Mas tem de haver elementos premonitórios, que o autor irá semeando ao longo da obra, e que deverão tornar plausível este balanço.